

CHINUA ACHEBE

A paz dura pouco

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1960 by Chinua Achebe

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

No longer at ease

Capa

Marcos Kotlhar

Foto de capa

® MAA, University of Cambridge, N.71979.GIJ

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Thaís Totino Richter

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Achebe, Chinua

A paz dura pouco / Chinua Achebe ; tradução Rubens Figueiredo — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: No longer at ease.

ISBN 978-85-359-2212-7

1. Ficção inglesa — Escritores africanos I. Título.

12-14793

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura africana em inglês 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Por três ou quatro semanas, Obi Okonkwo vinha se preparando para enfrentar aquele momento. E quando caminhou para o banco dos réus naquela manhã, achou que estava totalmente pronto. Vestia um elegante terno de Palm-Beach e aparentava estar tranquilo e indiferente. O caso parecia ser de pouco interesse para ele. A não ser por um breve momento, bem no início, quando um dos advogados se desentendeu com o juiz.

“Este julgamento começa às nove horas. Por que está atrasado?”

Toda vez que o meritíssimo juiz William Galloway, do Supremo Tribunal de Lagos e de Camarões do Sul, olhava para uma vítima, ele a paralisava, assim como um colecionador imobiliza seu inseto com formol. O juiz baixou a cabeça, como um aríete prestes a avançar e, espiando por cima de seus óculos de aros dourados, mirou na direção do advogado.

“Desculpe, Vossa Excelência”, balbuciou o homem. “Meu carro quebrou no caminho para cá.”

O juiz continuou a olhar para ele por um bom tempo. Em seguida, falou de maneira bastante abrupta:

“Está certo, sr. Adeyemi. Aceito sua justificativa. Mas devo dizer que estou ficando farto e cansado dessas constantes desculpas acerca de problemas de locomoção.”

Houve risos reprimidos no tribunal. Obi Okonkwo esboçou um sorriso pálido e cinzento e perdeu outra vez o interesse.

Todos os lugares disponíveis na sala do tribunal estavam ocupados. Havia quase o mesmo número de pessoas de pé e sentadas. O caso em julgamento era a grande sensação em Lagos havia várias semanas e, naquele último dia, todos que podiam largar o trabalho haviam comparecido para presenciar o julgamento. Alguns funcionários públicos chegaram a pagar dez *shillings* e seis *pence* para obter um atestado médico que lhes garantia um dia de licença.

A desatenção de Obi não dava nenhum sinal de estar diminuindo, nem mesmo quando o juiz começou a fazer o sumário. Só quando ele disse: “Não consigo entender como um jovem com a sua educação e com um futuro brilhante pela frente pôde fazer uma coisa dessas”, ocorreu uma mudança repentina e marcante. Lágrimas traiçoeiras encheram os olhos de Obi. Ele pegou um lenço branco e esfregou o rosto. Mas fez como fazem as pessoas de seu povo quando enxugam o suor. Tentou até sorrir e desmentir suas lágrimas. Um sorriso teria sido perfeitamente lógico. Toda aquela conversa sobre educação e um futuro promissor não o havia apanhado desprevenido. Ele já esperava aquilo e havia ensaiado a cena cem vezes, até se tornar algo tão familiar quanto um amigo.

De fato, algumas semanas antes, quando o julgamento havia começado, o sr. Green, seu chefe, que era uma das testemunhas da acusação, também dissera algo a respeito de um jovem de futuro promissor. E Obi tinha ficado absolutamente impassível. Foi

triste, mas o fato de ter perdido a mãe e de Clara ter saído de sua vida pouco tempo antes até o ajudou. Os dois eventos se sucederam num curto intervalo, embotaram sua sensibilidade e fizeram dele um homem diferente, capaz de encarar sem medo palavras como “educação” e “futuro promissor”. Mas agora que o momento crucial havia chegado, ele foi traído por suas lágrimas.

O sr. Green estava jogando tênis desde as cinco horas. Era bastante fora do comum. Em geral, seu trabalho tomava uma parte tão grande de seu tempo que ele raramente ia jogar. Seu exercício normal era uma breve caminhada no final da tarde. Mas hoje ele havia jogado tênis com um amigo que trabalhava no Conselho Britânico. Depois do jogo, retiraram-se para o bar do clube. O sr. Green tinha um suéter amarelo-claro por cima da camisa branca e uma toalha branca pendurada no pescoço. Havia muitos outros europeus no bar, alguns meio sentados em tamboretos altos e outros de pé, em grupos de dois e três, tomando cerveja gelada, suco de laranja ou gim-tônica.

“Não consigo entender por que ele fez isso”, disse o homem do Conselho Britânico com ar pensativo. Estava traçando riscos de água com a ponta do dedo no copo embaçado, com cerveja gelada.

“Mas eu consigo”, disse o sr. Green com simplicidade. “O que não consigo entender é por que pessoas como você se recusam a encarar os fatos.” O sr. Green era famoso por falar o que pensava. Esfregou a cara vermelha com a toalha branca pendurada no pescoço. “O africano é corrupto dos pés à cabeça.” O homem do Conselho Britânico olhou à sua volta de maneira furtiva, mais por instinto que por necessidade, pois embora a rigor o clube agora estivesse aberto para os africanos, poucos o frequentavam. Naquela ocasião em particular, não havia ne-

nhum, exceto, é claro, os garçons, que atendiam os clientes de maneira discreta. Era perfeitamente possível entrar, beber, preencher um cheque, falar com os amigos e sair de novo sem notar a presença dos garçons, em seus uniformes brancos. Se tudo corresse bem, os clientes nem os veriam por ali.

“São todos corruptos”, repetiu o sr. Green. “Sou totalmente a favor da igualdade e tudo o mais. Eu, por exemplo, detestaria morar na África do Sul. Mas a igualdade não vai modificar os fatos.”

“Que fatos?”, perguntou o homem do Conselho Britânico, que era relativamente novo no país. Houve uma calmaria na conversação geral no clube, como se agora muita gente estivesse prestando atenção às palavras do sr. Green, sem parecer que o faziam.

“O fato de que os africanos, ao longo de muitos séculos, foram vítimas do pior clima do mundo e de todas as doenças imagináveis. Não é culpa deles, é claro. Mas o fato é que foram mental e fisicamente solapados. Nós trouxemos para eles a educação ocidental. Mas de que isso adianta? Eles são...” Foi interrompido pela chegada de outro amigo.

“Oi, Peter. Oi, Bill.”

“Oi.”

“Oi.”

“Posso me juntar a vocês?”

“Sem dúvida.”

“Sem a menor dúvida. O que está bebendo? Cerveja? Está bem. Garçon. Uma cerveja para este patrão.”

“Qual cerveja, senhor?”

“Heineken.”

“Sim, senhor.”

“Estávamos falando sobre aquele jovem que aceitou uma propina.”

“Ah, sim.”

Em algum lugar na parte continental de Lagos, a União Progressista de Umuofia estava promovendo uma reunião de emergência. Umuofia é um vilarejo de língua ibo na Nigéria Oriental e a cidade natal de Obi Okonkwo. Não se trata de um vilarejo especialmente grande, mas seus habitantes o chamam de cidade. Têm muito orgulho de seu passado, quando a cidade era o terror dos vizinhos, antes que o homem branco chegasse e nivelasse todos por baixo. Os umuofianos (é assim que eles se denominam) que deixaram sua cidade natal a fim de arranjar trabalho e se espalharam por cidades da Nigéria inteira encaram a si mesmos como residentes temporários. Voltam para Umuofia de dois em dois anos, mais ou menos, para passar as férias. Quando economizaram dinheiro suficiente, pedem a seus parentes na cidade que encontrem uma esposa para eles, ou então constroem uma casa “de zinco” nas terras da família. Não importa em que local da Nigéria estejam, sempre fundam ali uma filial local da União Progressista de Umuofia.

Nas semanas anteriores, a União se reuniu diversas vezes para tratar do caso de Obi Okonkwo. Na primeira reunião, algumas pessoas manifestaram a opinião de que não havia nenhum motivo para a União se preocupar com problemas de um filho pródigo que demonstrara grande desrespeito por ela muito pouco tempo antes.

“Pagamos oitocentas libras para educá-lo na Inglaterra”, disse um deles. “Mas em vez de se mostrar agradecido, ele nos insulta por causa de uma garota fútil. E agora estamos sendo convocados para angariar mais dinheiro e ajudá-lo. O que é que ele faz com seu grande salário? Minha opinião pessoal é de que já fizemos coisas demais por ele.”

Tal opinião, embora amplamente acatada como verdadeira,

não foi levada muito a sério. Pois, como assinalou o presidente, um irmão de etnia em apuros precisava ser salvo, e não acusado, a raiva contra um irmão de etnia era sentida na carne, e não no osso. E assim a União decidiu pagar os serviços de um advogado com os recursos do seu fundo comum.

Mas naquela manhã a causa estava perdida. Esse foi o motivo de realizarem outra reunião de emergência. Muita gente já havia chegado à casa do presidente na Moloney Street, e as pessoas conversavam, agitadas, acerca do julgamento.

“Eu sabia que era um caso ruim”, disse o homem que desde o início havia se oposto à intervenção da União. “Estamos só jogando dinheiro fora. O que diz o nosso povo? Quem luta a favor de alguém que não presta nada tem a mostrar a seu favor, senão a cabeça coberta de terra e fuligem.”

Mas esse homem não recebeu nenhum apoio. Os homens de Umuofia estavam preparados para lutar até o fim. Não tinham ilusões acerca de Obi. Sem dúvida, era um jovem muito tolo e cabeça-dura. Mas não era a hora de tratar dessa questão. Primeiro a raposa tinha de ser caçada, depois a galinha devia ser prevenida de que não era bom andar no meio do mato.

Quando chegasse a hora crítica, era garantido que os homens de Umuofia dariam ao assunto toda atenção e fariam tudo o que estivesse a seu alcance. O presidente disse que era uma vergonha que um homem a serviço da Marinha Real fosse preso por causa de vinte libras. Ele repetiu vinte libras, cuspidando as palavras. “Sou contra alguém colher aquilo que não plantou. Mas temos um ditado que diz que, se você quer comer um sapo, deve procurar um sapo gordo e suculento.”

“Tudo isso é apenas falta de experiência”, disse outro homem. “Ele não devia ter recebido o dinheiro pessoalmente. O que os outros fazem é pedir que a pessoa entregue para um empregado doméstico. Obi tentou fazer aquilo que todo mundo faz,

sem saber como é que se fazia.” Lembrou o provérbio do rato da casa que vai nadar com a amiga lagartixa e morre de frio, pois enquanto as escamas da lagartixa a mantêm seca, o corpo peludo do rato fica encharcado.

O presidente, no momento oportuno, olhou seu relógio de bolso e anunciou que estava na hora de declarar aberta a reunião. Todos se levantaram e ele pronunciou uma breve oração. Então o presidente mostrou três nozes-de-cola aos presentes na reunião. O homem mais velho na reunião quebrou uma noz, dizendo outra espécie de oração enquanto o fazia. “Quem traz noz-de-cola traz a vida”, disse ele. “Não queremos ferir ninguém, mas se alguém quiser nos ferir, que quebre o pescoço.” A congregação respondeu *Amém*. “Somos estrangeiros nesta terra. Se algo de bom vier a ela, que possamos ter nosso quinhão.” *Amém*. “Mas se vier algo de mal, é melhor que fique para os donos da terra, que sabem quais deuses devem ser apaziguados.” *Amém*. “Muitas cidades têm quatro ou cinco ou até dez de seus filhos em empregos europeus nesta cidade. Umuofia só tem um. E agora nossos inimigos dizem que mesmo esse caso único já é demais para nós. Mas nossos ancestrais não concordarão com tal coisa.” *Amém*. “Um único fruto de palmeira não se perde no fogo.” *Amém*.

Obi Okonkwo era de fato o único fruto da palmeira. Seu nome completo era Obiajulu — “a mente afinal em repouso”, e no caso a mente era seu pai, é claro, o qual, naquela altura, como a esposa havia lhe dado quatro filhas antes de Obi, já estava naturalmente ficando um pouco ansioso. Como era um cristão convertido — na verdade, um catequista —, ele não podia se casar de novo. Mas não era o tipo de homem que carrega seu desgosto estampado na cara. Em particular, não permitia que os pagãos soubessem que estava infeliz. Tinha chamado a quarta filha de Nwanyiadinma — “Uma menina também é bom”. Mas sua voz não transmitia convicção.

O velho que quebrou a noz-de-cola em Lagos e chamou Obi Okonkwo de o único fruto da palmeira não estava, no entanto, pensando na família de Okonkwo. Pensava no antigo e belicoso vilarejo de Umuofia. Seis ou sete anos antes, os umuofianos que moravam fora de sua cidade tinham formado sua União com o objetivo de juntar dinheiro para mandar alguns dos jovens mais destacados do vilarejo estudar na Inglaterra. Criaram taxas exorbitantes contra si mesmos. A primeira bolsa de estudos conferida por conta daquele esquema coubera a Obi Okonkwo, quase exatamente cinco anos antes. Embora chamassem aquilo de bolsa de estudos, o dinheiro tinha de ser reembolsado. No caso de Obi, a soma alcançava oitocentas libras, que deviam ser reembolsadas em quatro anos, após seu regresso. Queriam que ele estudasse direito, de modo que, quando voltasse, cuidaria de todas as disputas de terras contra seus vizinhos. Mas, quando chegou à Inglaterra, Obi foi estudar inglês; sua teimosia não era nenhuma novidade. A União ficou irritada, mas acabaram deixando Obi em paz. Embora não fosse se tornar advogado, tinha conseguido um “cargo europeu” no serviço público.

A seleção do primeiro candidato não representara nenhuma dificuldade para a União. Obi era a escolha óbvia. Com doze ou treze anos, ele havia passado com a melhor nota de toda a província no exame de sexta série. Depois ganhou uma bolsa de estudos para um dos melhores colégios secundários na Nigéria Oriental. Ao final de cinco anos, obteve o Certificado da Escola de Cambridge, com distinção, nas oito matérias. De fato, ele era uma celebridade no vilarejo e seu nome era constantemente lembrado na escola de missionários onde tinha sido aluno. (Agora ninguém mencionava que, certa vez, ele havia desonrado a escola por ter escrito uma carta para Adolf Hitler durante a guerra. O diretor da escola, na ocasião, dissera quase em lágrimas que Obi era uma vergonha para o Império Britânico e que, se ele fosse

mais velho, seguramente seria mandado para a prisão, onde ficaria pelo resto de sua vida infeliz. Obi tinha apenas onze anos naquela altura, e assim se livrou da vara nas nádegas.)

A ida de Obi para a Inglaterra causou uma grande agitação em Umuofia. Poucos dias antes de sua partida para Lagos, os pais convocaram uma reunião em sua casa para fazer orações. O reverendo Samuel Ikedi, da Igreja Anglicana de São Marcos, em Umuofia, foi o celebrante. Disse que aquele momento representava a realização de uma profecia:

*O povo que estava nas trevas
Viu uma grande luz,
E para eles que estavam
Na região da sombra da morte,
Para eles a luz se derramou.*

O reverendo falou durante meia hora. Depois pediu que alguém pronunciasse a oração. No mesmo instante, Mary aceitou o desafio antes que a maioria das pessoas tivesse chance de se levantar ou até mesmo de piscar os olhos. Mary era uma das cristãs mais zelosas em Umuofia e grande amiga da mãe de Obi, Hannah Okonkwo. Embora Mary morasse bem longe da igreja — cinco quilômetros, ou mais —, nunca faltava às preces matinais, que o pastor celebrava assim que o galo cantava. No coração da estação chuvosa, ou estação do vento chamado de Harmattan frio, era certo que Mary estaria presente. Às vezes ela chegava até uma hora mais cedo. Apagava com um sopro seu lampião antigo a fim de poupar querosene e ia dormir nos compridos bancos de barro.

“Oh, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó”, exclamou ela, “o Começo e o Fim. Sem Ti, nada podemos fazer. O rio grande não é grande o bastante para que laves Tuas mãos

em suas águas. Tu tens a faca e o inhame; não podemos comer, a menos que Tu cortes um pedaço para nós. Somos como formigas aos Teus olhos. Somos como crianças pequenas que só lavam a barriga quando tomam banho e não molham as costas...” Ela continuou a desenrolar provérbio atrás de provérbio e imagem atrás de imagem. Por fim, chegou ao tema da reunião e tratou-o com toda a atenção devida, oferecendo entre outras coisas a história da vida do filho de sua amiga, que estava prestes a partir para o lugar onde os estudos afinal chegavam ao término. Quando Mary acabou, as pessoas piscaram e esfregaram os olhos para se acostumar à luz da noite outra vez.

Sentaram-se nos bancos compridos de madeira que haviam tomado emprestado da escola. O presidente da reunião tinha uma mesinha à sua frente. De um lado estava Obi, sentado, com seu blazer da escola e calça branca.

Dois ajudantes fortes vieram da área da cozinha, meio curvados com o peso do enorme caldeirão de ferro cheio de arroz que carregavam, um de cada lado. Um outro caldeirão veio em seguida. Duas mulheres jovens, então, trouxeram um caldeirão fervente, com um cozido que tinham acabado de tirar do fogo. Barriletes de vinho de palma vieram a seguir, e uma pilha de pratos e colheres que a igreja mantinha guardados para serem usados por seus membros em casamentos, nascimentos, mortes e outras ocasiões como aquela.

O sr. Isaac Okonkwo fez um breve discurso colocando “esta pequena noz-de-cola” diante de seus convidados. Pelos padrões de Umuofia, ele era um homem abastado. Tinha sido catequista da Sociedade da Igreja Missionária durante 25 anos e depois se aposentara com uma pensão de 25 libras por ano. Foi o primeiro homem a construir uma casa “de zinco” em Umuofia. Portanto, não era impensável que fosse preparar um banquete. Mas ninguém tinha imaginado algo daquela dimensão, nem

mesmo de Okonkwo, que era famoso por ser mão-aberta, a ponto de às vezes beirar a imprevidência. Toda vez que a esposa protestava contra seu esbanjamento, ele retrucava que um homem que vivia nas margens do rio Níger não devia lavar as mãos com cuspe — um dos ditados prediletos do pai dele. Era estranho que rejeitasse tudo a respeito do pai, menos aquele provérbio. Talvez tivesse esquecido, havia muito tempo, que o pai repetia o ditado tantas vezes.

No final do banquete o pastor fez outro discurso comprido. Agradeceu a Okonkwo por lhes oferecer um banquete maior do que o servido em muitos casamentos naquele tempo.

O sr. Ikedi tinha ido a Umuofia, vindo de outro município, e estava em condições de dizer para os presentes que os banquetes de casamento andavam decaindo muito nas cidades, desde a invenção dos cartões de convite. Muitos de seus ouvintes deram um assobio de espanto quando o sr. Ikedi lhes contou que um homem não podia ir ao casamento na casa do vizinho se não tivesse recebido um daqueles pedaços de papel nos quais vinha escrito R.S.V.P. — que era traduzido, em inglês, como Arroz e Cozido em Grande Quantidade —, o que era sempre um exagero.

Em seguida, ele se voltou para o jovem à sua direita. “Em tempos passados”, disse, “Umuofia exigiria que você fosse combater nas guerras e trouxesse para casa cabeças humanas. Mas aquele era um tempo de trevas, do qual fomos libertados pelo sangue do Cordeiro de Deus. Hoje nós o enviamos para ganhar conhecimento. Recorde que o temor do Senhor é o começo de toda sabedoria. Tenho ouvido falar de jovens de outras cidades que foram para o país dos homens brancos e, em vez de encarar seus estudos, procuraram as doçuras da carne. Alguns até casaram com mulheres brancas.” A multidão murmurou sua forte desaprovação a tal comportamento. “Um homem que faz isso está

perdido para seu povo. É como a chuva desperdiçada na floresta. Eu preferia encontrar uma esposa para você, antes de partir. Mas agora não temos tempo. De todo modo, sei que nada temos a temer, no que diz respeito a você. Estamos mandando você para estudar os livros. O prazer pode esperar. Não tenha pressa para mergulhar nos prazeres do mundo, como o jovem antílope que dança com passos capengas, quando o tempo da dança de verdade ainda não chegou.”

Agradeceu de novo a Okonkwo e aos presentes por terem atendido o convite dele. “Se não tivessem atendido seu convite, nosso irmão seria como o rei que, no Livro Sagrado, convidou muitas pessoas para um banquete de casamento.”

Assim que terminou seu discurso, Mary entoou uma canção que as mulheres tinham aprendido em sua reunião de orações.

Não me abandone, Jesus, espere por mim

Quando vou para a fazenda.

Não me abandone, Jesus, espere por mim

Quando vou para a feira.

Não me abandone, Jesus, espere por mim

Quando como minha comida.

Não me abandone, Jesus, espere por mim

Quando tomo meu banho.

Não me abandone, Jesus, espere por mim

Quando ele parte para o País do Homem Branco.

Não o abandone, Jesus, espere por ele.

A reunião terminou com o canto de “Graças a Deus, de Quem fluem todas as bênçãos”. Em seguida os convidados se despediram de Obi, muitos deles repetiram todos os conselhos que ele já ouvira antes. Apertaram a mão de Obi e, ao fazê-lo, empurraram seus presentes na palma de sua mão, para que ele

comprasse uma caneta, um livro de exercícios, um pão para a viagem, um *shilling* ou um *penny* — presentes de peso num vilarejo onde o dinheiro era tão raro, onde os homens e as mulheres se esfalfavam ano após ano para extrair seu sustento, a duras penas, de um solo esgotado e hostil.